Revista Espaço do Currículo
ISSN 1983-1579
Doi: 10.15687/rec
http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php

10.15687/rec.v19i3.80763

RESENHAS

COTIDIANOS QUE PESQUISAM, CURRÍCULOS QUE SE TRAMAM E SE COSTURAM

EVERYDAY LIVES THAT RESEARCH, CURRICULA THAT WEAVE AND SEW THEMSELVES TOGETHER

COTIDIANOS QUE INVESTIGAN, CURRÍCULOS QUE SE TRAMAN Y SE COSTURAN

Jaciel Alves dos Santos[1] 0009-0005-1241-9903
Luciane Tavares dos Santos[2] 0000-0002-2864-3492
Dilan Magnus[3] 0000-0002-8311-1093

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; advjacielsantos@gmail.com
[2] Universidade Federal de Pelotas – Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; tavaressluciane@gmail.com
[3] Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; dlmagnus93@gmail.com

RESUMO:

Apresenta-se uma resenha crítica do livro *Pesquisando com os cotidianos*, de Inês Barbosa de Oliveira, com o objetivo de destacar o percurso acadêmico e profissional e de refletir sobre a contribuição da referida professora e pesquisadora para o campo dos estudos do currículo e nos/dos/com os cotidianos bem como para as pesquisas contemporâneas sobre a Educação.

Palavras-chave: educação; cotidianos; currículo.

ABSTRACT:

This article presents a critical review of the book *Pesquisando com os cotidianos* (Researching with Everyday Life) by Inês Barbosa de Oliveira, aiming to highlight her academic and professional trajectory and to reflect on the contributions of this professor and researcher to the field of curriculum studies and in/of/with everyday life studies, as well as to contemporary research in education.

Keywords: education; everyday life; curriculum studies.

RESUMEN:

Se presenta una reseña crítica del libro *Pesquisando com os cotidianos* (Pesquisando con la vida cotidiana), de Inês Barbosa de Oliveira, con el objetivo de destacar su trayectoria académica y profesional y de reflexionar sobre la contribución de dicha profesora e investigadora al campo de los estudios curriculares y de los estudios en/de/con lo cotidiano, así como a las investigaciones contemporáneas sobre educación.

Palabras clave: educación; vida cotidiana; estudios curriculares.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisando com os cotidianos**: uma trajetória em processo. Petrópolis, RJ: FAPERJ, 2023.

RECEBIDO: 10/09/2026 **APROVADO**: 18/09/2026 **PUBLICADO**: 27/11/2026

No livro *Pesquisando com os cotidianos*, Inês Barbosa de Oliveira autobiografa retalhos da sua trajetória enquanto *professorapesquisadora*[1]. A obra de quase duzentas páginas (188 sendo mais exatos) é dedicada às professoras do ensino fundamental que, segundo ela, tanto fazem e que ainda assim são desrespeitadas no Brasil. Como uma exímia tecedeira, Inês Oliveira maneja fios teóricos e argumentativos e acaba por urdir uma rede/vida em espiral ascendente por diferentes *espaçostempos.* Trata-se de uma vida tecida em rede com as ações docentes, pontilhada de *saberesfazeres* que ela reputa mais relevantes em sua trajetória. A obra é composta por textos inéditos que vêm sendo (re)escritos nos últimos anos alinhavados com um recorte do memorial por ela apresentado com vistas à progressão ao posto de professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Seu tecido, quer dizer, seu livro memorialístico, divide-se em duas dobras principais, contendo ao todo seis capítulos. Na primeira dobra, Inês debruça-se sobre sua constituição pessoal, profissional e acadêmica e nos apresenta dois capítulos: no primeiro, narra, em um tom mais coloquial e prosaico, seu percurso pela vida, sua trajetória pavimentada pelo amor, bem como seu senso de liberdade, de justiça e de democracia; debruça-se sobre seus sentidos e facetas políticos/teóricos/práticos, costurando-os de modo lógico--teórico-epistemológico-social; no segundo, ganha destaque o fato de se interessar pelo estudo da democracia e das questões que esta suscita política, filosófica e epistemologicamente, bem como as possibilidades que a escola tem de tecer, de modo contínuo e insistente, a (re)democratização da sociedade. Além disso, argumenta em defesa da horizontalidade nas relações entre os diferentes *saberesfazeres,* do caráter enredado dessas relações e da impossibilidade de hierarquização dos *praticantespensantes*. Ademais, apresenta-nos reflexões acerca de suas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, sobre democracia e novas epistemologias.

Na segunda dobra de sua rede escritural, tece reflexões políticas, sobre epistemes outras e temáticas variadas, cuja linha mestra é a busca de mais democracia. Além disso, a autora nos apresenta quatro textos inéditos, de modo enredado, contendo reflexões que hoje vêm ocupando seus trabalhos de pesquisa, estudos e preocupações, os quais são realizados por diferentes enfoques ao longo de sua trajetória.

No capítulo três, já na segunda dobra de sua tecedura, portanto, enreda o debate sobre

[1] Nossa aproximação com o campo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos orienta as escolhas de escrita adotadas nesta resenha, especialmente o emprego de aglutinações lexicais que procuram tensionar separações historicamente estabelecidas entre conceitos e experiências. Conforme discutem Andrade, Caldas e Alves (2019), essas construções relacionam-se ao reconhecimento dos limites das dicotomias constituídas no âmbito da ciência moderna. Por isso, assim como Inês, grafamos enlaçados os termos de dicotomias herdadas, juntos e em itálico.

política e políticas educacionais com o direito à educação, assim como os dramas impostos pela pandemia da covid-19. De maneira ensaística, reflete acerca das relações entre vida cotidiana e cotidiano escolar, direito à educação e sustentabilidade social. Alerta-nos para o ponto nodal que são os riscos à aprendizagem em virtude das condições de vida desiguais.

No quarto capítulo, propõe um debate em torno da desaprendizagem e da desobediência; pontua que é preciso renunciar aos valores de competição, desobedecendo as normas que a defendem; preconiza aprendermos a solidariedade e obedecermos a nós mesmos, para além da sociedade consumista, capitalista, patriarcal e colonialista.

No quinto capítulo, traz a importância da amorosidade, nos moldes de Freire, na vida pessoal/profissional das pessoas enquanto educadoras, sobretudo considerando os retrocessos que vivenciamos nos últimos tempos. Fala-nos de uma amorosidade que nos permita afirmar o sonho e a esperança; a amorosidade, portanto, é sublinhada pela autora como mecanismo de luta contra as opressões e, categoricamente, diz que é somente com ela que seremos capazes de criar e urdir inéditos-viáveis.

No último capítulo, traz a escola em tempos pandêmicos e os dramas que enfrentamos, mas também apresenta soluções encontradas por docentes espalhadas por todo o Brasil. As tristezas como pano de fundo, pontuadas por essas profissionais são fendidas pelo que puderam criar de criativo e propositivo, possibilitando destacar o que ocorre de positivo; tal fato revela que os *praticantespensantes* (re)criam a partir das normas e políticas que lhes são dadas para consumo. Esses *praticantespensantes* acabam por criar diferentes currículos em suas práticas cotidianas, que não são e não podem ser previstos pela política que chega quase sempre de modos verticais, isto é, de cima para baixo.

É justamente nesse ponto que queremos nos atar, os diferentes currículos e os modos como surgem nos contextos escolares, nas práticas/teorias. São linhas argumentativas e teóricas com as quais Inês Barbosa de Oliveira cose seu livro e nos desafia a desalojar nossa concepção sobre currículos que invariavelmente, ou por costume ou por suposta comodidade, costuramos em pontos fixos, como um botão que tem uma única casa como possibilidade. Nas linhas que trançamos/traçamos abaixo, tomadas de empréstimo da autora – "a menina que engoliu uma agulha de vitrola" (Oliveira, 2023, p. 16), conforme se autodenomina – para olharmos o currículo com a acuidade e a partir do olhar de Inês Barbosa de Oliveira.

Em contínuo diálogo com os diferentes campos e com as pesquisas em Educação, a autora dá especial ênfase ao campo do currículo (um dos temas priori-tários em suas pesquisas). Vê o currículo como prática emancipatória, inscrevendo-o em uma perspectiva política do

direito à educação, da educação como direito, implicando assim a digni-dade humana. Em suma, entende o currículo como produção cotidiana, muitas vezes, em suas ações miúdas, produzidas de modo singular nos *espaçotempos* educacionais por todos/muitos *praticantespensantes* da/na escola.

Os currículos são reproduzidos/criados nos cotidianos escolares, em relações entre práticas, saberes, sujeitos e normas. A própria produção acadêmica de Oliveira apresenta os currículos como criação cotidiana dos praticantes das escolas. Tal consciência, que vem ganhando cada vez mais pessoas adeptas, pode fornecer elementos que ampliem a compreensão das questões e das soluções que envolvem os currículos pensados/praticados nos diferentes cotidianos escolares; nesses contextos cotidianos, cada pessoa pode se perceber *praticantepensante* de currículos em suas micropráticas cotidianas e em suas desobediências, que a autora reputa importantes.

É preciso reforçar esse ponto: Inês postula a noção de currículo como criação cotidiana; aponta para processos cotidianos de sua tessitura, mesmo nas coisas mais miúdas, mesmo quando se espera apenas a obediência. Com efeito, vê que as escolas produzem, (re)criam e (re)inventam existências singulares em suas redes de *saberesfazeres*; que sempre habitam a prática as criações curriculares. Ocorre que ainda precisamos paramentar-nos com essa consciência para potencializar ainda mais nossas práticas curriculantes. Mas o que significa afirmar que o currículo é criação cotidiana?

O currículo busca assegurar as diferentes aprendizagens no âmbito da educação formal para a construção de uma escola cidadã e democrática. Ressalta, por óbvio, os limites, mas também as possibilidades do fazer pedagógico para a tessitura da emancipação social, ponderando a necessidade da inscrição do ensinante/aprendente no sistema social e nos valores, culturas via manejo dos conhecimentos hegemônicos.

Ganha destaque na tecedura a argumentação na defesa da ho-rizontalidade nas relações entre os diferentes *saberesfazeres* e sobre o caráter enredado dessas relações e a impossibilidade da hierarquização dos *praticantespensantes*. Assim, com Freire (2017), reforça-se que não há saber mais ou menos, mas saberes diferentes, que a lógica moderna insiste em hierarquizar com o fito de deslegitimar certos sujeitos para dominá-los e explorá-los.

Práticas com esse viés podem instar a um movimento em direção à emanci-pação social, mediadas por relações mais ecológicas entre diferentes conhecimentos, otimizando, assim, a superação das monoculturas hegemônicas nas sociedades ocidentais da atualidade. Compreendemos, com a autora, que deveríamos buscar nesses cotidianos, para além da

reprodução e do consumo, o que neles se cria no *uso* das regras e produtos postos pelo *poder proprietário* (Certeau, 1994).

A emanci-pação social é o fio da meada perseguido por Inês Barbosa. Incansavelmente, defende a possibilidade de criação de um mundo em que habitam relações mais ecológicas entre diferentes conhecimentos. Ao considerar conhecimentos outros, para além da monocultura hegemônica atual, acredita que os sujeitos detentores de tais conhecimentos poderão lograr êxito em sua emancipação social plena. Quanto mais conhecimentos forem considerados como válidos, mais esses conhecimentos passarão a compor e alterar currículos, tendo como *praticantespensantes* os sujeitos dentro/fora da escola. Assim, é preciso, inclusive e principalmente, ressaltar intransigentemente a docência como *espaçotempo* cotidiano de criação de conhecimentos e de produção curricular.

Sua trajetória guiada pela amorosidade de Freire levou-a a escrever este livro que nos chega às mãos, como seus leitores possíveis; um amor que tece a vida social. Nessa linha, é possível pontuar que não se trata de uma obra que visa apenas narrar o que para trás ficou, mas sobretudo de nos apresentar novos horizontes que se abrem como resultado do que a autora vem pesquisando.

Referências

ANDRADE, Nívia. CALDAS, Alessandra. ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos após muitas 'conversas' acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa. PEIXOTO, Leonardo Pereira. SUSSEKIND, Maria Luiza (org.). **Estudos cotidianos, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 199-211.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisando com os cotidianos**: uma trajetória em processo. 1. ed. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2023.

SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)

Jaciel Alves dos Santos. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Rede Estadual de Ensino da Bahia. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/5751328921547636.
Luciane Tavares dos Santos. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/2013068653613099.
Dilan Magnus. Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil. Professor de História da Educação Básica na Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/1022320089871155.

Como referenciar
SANTOS, Jaciel Alves dos; SANTOS, Luciane Tavares; MAGNUS, Dilan. Cotidianos que pesquisam, currículos que se tramam e se costuram. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 19, n. 3, e80763, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i3.80763.